

① A Psicologia é a ciência que estuda o comportamento e os processos mentais; dos seus ~~limites~~ e dos ~~sucessos~~.

② O comportamento é exterior e pode ser observado objectivamente pelos outros, ^{investigados} enquanto os processos mentais ~~são~~ interiores e só o próprio ^{sujeito} os pode observar. O comportamento refere-se a qualquer acto efectuado pelo organismo, susceptível de ser observado e registado. ^{os} Processos mentais são experiências internas e subjectivas, inferidas a partir dos comportamentos. o método em favor de testes experimentais.

③ A psicologia tem como objectivos gerais os seguintes: 1- Descrever comportamentos e processos mentais. 2- Explicar esses comportamentos e processos. 3- Prever comportamentos. 4- Controlar as circunstâncias em que ocorrem os comportamentos. 6

④ As dicotomias no seio da Psicologia têm que ser vistas de duas maneiras. Por um lado, elas podem evidenciar e ajudar a definir determinados conceitos e teorias. Por outro, elas são formadas de ver exageradas e simplistas, conduzindo a panoramas reducionistas dos assuntos em discussão. Por isso, as tendências actuais da psicologia vão no sentido de as ultrapassar, preferindo visões globais e integradas. teóricas holísticas

⑤ Podem ser apresentado o exemplo da polémica hereditariedade-meio. Defender uma perspectiva inatista consistiria, então, em considerar a inteligência, um talento ou uma vocação como resultantes de caracteres hereditários, negando qualquer contributo do meio. Mas também se pode defender o seu carácter adquirido. Nesse caso, a sua presença será explicada a partir das influências do meio. As experiências vividas, as aprendizagens e a educação são apresentadas como factores responsáveis pela sua manifestação. 6

6 Os conceitos de consciente e inconsciente estão por trás de uma perspectiva psicológica centrada numa dimensão interior do homem: o estruturalismo de Wundt valoriza a dimensão consciente dos fenômenos da mente, a psicanálise de Freud valoriza a dimensão inconsciente dessa mesma mente. O comportamento é a base de uma perspectiva centrada numa dimensão externa, alimentando as teorias behavioristas de Watson, de Skinner e de Bandura. A cognição e a mente estão subjacentes a uma perspectiva centrada em visões integradoras: o cognitivismo de Piaget integra indivíduo-meio ambiente, adquirido, interno-externo; o mentalismo de Damásio integra corpo-mente, intelectual-afetivo, razão-emoção. Centr! 6

7 Wundt foi o fundador da psicologia científica com a criação, em Leipzig, em 1879, do primeiro laboratório de psicologia experimental, onde se dedicou a investigar a consciência e os seus fenômenos. Provocava sensações em pessoas, interrogando-as acerca do que sentiam. As pessoas tinham que se auto-analisar e relatar o que se passava com elas, processos que são sempre acompanhados de subjetividade. Para contornar esta limitação do método introspectivo, Wundt só o aplicava em laboratório e em situações que pudessem ser controladas por si próprio. Centr! 6

8 O método introspectivo é uma espécie de análise interior, distinguindo-se dela por ser mais rigorosa e ser feita com objetivos científicos. Nela intervêm duas pessoas: o sujeito que se analisa a si próprio e descreve o que se passa no seu interior, e o psicólogo que anota e interpreta os resultados. 6

9 Wundt é um estruturalista porque o seu objetivo é a compreensão da estrutura global da mente. Se decompõe a consciência nos seus elementos mais simples, as sensações, e Wundt fá-lo simplesmente por questões estratégicas. O seu propósito é explicar a estrutura da vida psicológica centrada na mente;

desvelar as leis de associação de ideias através de métodos laborais, 5

10) Podem ser apresentadas três das seguintes críticas: 1- É difícil o observador observar-se a si mesmo. Segundo Coute, o sujeito pensante não pode dividir-se em dois: um que pensa e outro que se analisa a pensar. 2- Quando se descrevem os fenômenos psíquicos eles já ocorreram. Tem que se recorrer à memória, o que provoca distorções. 3- A tomada de consciência de um fenômeno altera esse fenômeno. A análise racional de um facto psíquico reduz os seus componentes afetivos. 4- É impossível observar a consciência de outrem, pelo que é um processo que dificilmente é controlado por outros observadores. 5- Os sujeitos podem não dispor de linguagem apropriada para transmitir o que se passa no seu interior e, além disso, as pessoas têm linguagens diferentes para descrever o mesmo fenômeno. 6- Não se aplica a factos de natureza fisiológica. 7- Não se aplica no âmbito da psicologia infantil, da psicologia patológica nem da psicologia animal. 8- Não permite observar o inconsciente.

Continuar! (6)

11) Freud considera a mente humana semelhante a um iceberg. A parte emergida corresponde ao consciente, constituído pelas noções, lembranças, imagens que a pessoa é capaz de evocar e utilizar. A suportar esta parte, existe uma outra, sob as águas, que Freud compara ao inconsciente. Este é constituído por pulsões, traumas e desejos socialmente inaceitáveis que, aprisionados e reprimidos, anseiam manifestar-se, só o podendo fazer sob forma disfarçada. A pressão que exercem é perturbadora, estando na origem de distúrbios emocionais. Freud valoriza o inconsciente, instância a que não temos acesso mas em que residem pulsões básicas que, como o "eros" e o "thanatos", comandam, sub-repticiamente, toda a nossa vida psicológica.

(6)

10. O aparelho psíquico é uma estrutura que se subdivide em três subestruturas que interactivam umas sobre as outras, mas com papéis específicos: id, ego e superego. O id é constituído por impulsos biológicos como a fome, a sede e o sexo, que exigem satisfação imediata. Constitui a base da sobrevivência individual e da continuidade da espécie. O superego é formado pela interiorização das regras impostas pelos pais e pela sociedade em geral. O superego tem carácter ideal e é o fundamento da moral. O ego é a instância consciente e tem por função tomar as decisões quanto à resolução do conflito travado entre o id e o superego. Trata-se do elemento racional da personalidade.

Cometr! (6)

13. No centro do nosso psiquismo, trava-se um conflito dinâmico entre duas instâncias da personalidade: o id e o superego. O id é totalmente inconsciente e é a componente básica da personalidade, representando o que há de mais primitivo no homem, centro da libido ou energia psíquica instintiva, o id é incapaz de suportar tensões, só obedecendo ao princípio do prazer, o que o impulsiona a agir e o faz reduzir de imediato as tensões dolorosas. Com o id rivaliza o superego, que é a instância moral ou ideal da personalidade, formada pela interiorização dos valores sociais, conflita com os impulsos biológicos, sexuais e agressivos do id. O superego tem ainda por funções pressionar o ego no sentido de substituir os objectivos imorais por morais. O ego é o mediador entre ambas, operando de acordo com o princípio da realidade, tenta moderar o id e retardar a gratificação imediata que o princípio do prazer requer. Essencialmente consciente, é a instância executiva da personalidade: selecciona as situações a que a pessoa tem de responder, controla a acção, e decide o modo como as necessidades pessoais podem ser satisfeitas.

Cometr! (6)

14. O método psicanalítico consiste num conjunto de processos que visam trazer à consciência das pessoas os impulsos, complexos, traumas e frustrações recalçados no seu inconsciente e que lhes provocavam distúrbios psico-emocionais e comportamentais. Entre os processos de libertação do inconsciente, o psicanalista pode recorrer à associação livre, à análise dos sonhos e ao estudo do "transfert". Este método assenta no pressuposto de que uma vez que o sujeito tome

consciência do que se passa no inconsciente, as pulsões libertam-se, deixando de perturbar a pessoa. Entr! (6)

15. Segundo Watson o comportamento é um conjunto de respostas que o organismo dá a uma situação. Para este psicólogo, situações e reacções são objectivamente observáveis e existe entre ambas uma relação de causa-efeito, o que, uma vez detectada, permite estabelecer leis explicativas e preditivas do comportamento. (6)

16. O behaviorismo ou comportamentalismo assenta em pressupostos positivistas que, fundamentalmente, são os seguintes: 1- A psicologia tem de ser objectiva. 2- Deve estudar o comportamento observável e não a consciência e os seus fenómenos. 3- O comportamento reduz-se a respostas objectivas a estímulos também objectivos. 4- Entre situação e reacção há relações mecânicas que permitem chegar a leis. 5- As leis permitem prever e controlar comportamentos. 6- Não há diferença entre psicologia humana e psicologia animal. 7- A psicologia deve usar a experimentação para poder efectuar generalizações. (6)

17. A inteligência é uma forma do indivíduo se adaptar ao meio ambiente vivendo em harmonia com ele. Segundo Piaget, adaptação implica dois processos antagónicos mais complementares: a assimilação e a acomodação. A assimilação consiste na integração dos dados exteriores nas estruturas do sujeito em função das imposições do meio. O primeiro é uma tendência egocêntrica que conduziria à alteração do mundo exterior, pondo-o de acordo com o querer do sujeito. Como isso não é possível, e o sujeito só subsiste se adaptado, tem que pôr em acção a tendência inversa que é modificar-se em função dos imperativos externos. O equilíbrio destes dois processos garante, segundo Piaget, uma adequada adaptação. (6)

18. Piaget considera a existência de quatro factores fundamentais de desenvolvimento intelectual: 1- Hereditariedade. A maturação orgânica é factor básico de toda a evolução. 2- Experiência física. As acções sobre os objectos é que vão originar, depois de interiorizadas, as operações mentais. 3- Transmissão social. É necessário assimilar o que é transmitido por educação. 4- Equilíbrio. Os três factores anteriores devem articular-se,

de modo a participarem de forma equilibrada no desenvolvimento. Pretende-se que em cada fase, o equilíbrio seja progressivamente Superior. (6)

19. O período sensorial motor, que vai do nascimento até aos 18-24 meses, é a fase da ação, das percepções e dos movimentos, que se organiza em esquemas ou estruturas de reação ao meio. Ainda não há operação ou pensamento, mas há inteligência. Trata-se de uma inteligência prática, manifestada pela manipulação e uso adequado dos objetos e não por competências representativas ou simbólicas. (6)

(20) A função simbólica é a capacidade de produzir símbolos e de lidar mentalmente com eles. Surge quando a criança passa da fase sensorial-motora para a da pré-operatividade, manifestando-se pela linguagem, desenho, imaginação mental e jogo simbólico. A presença da função simbólica atesta uma nova forma de inteligência que é a representativa ou pensamento, o qual começa de modo incipiente porque as operações ainda não são reversíveis. Será necessário esperar pelos 6-7 anos para que a criança transite da pré para a operatividade. (6)

(21) Operação mental é uma ação interiorizada, ou seja, a ação que a criança exercia manualmente sobre os objetos e executada no interior e intelectualmente. A ação exige a manipulação de objetos; a operação exige a "manipulação mental" de símbolos ou representações de objetos. (6)

(22) A reversibilidade é a capacidade de a criança regressar mentalmente ao ponto de partida. É a característica cuja presença atesta que a criança já opera intelectualmente com representações, isto é, já pensa de forma lógica. (6)

(23) Há duas modalidades de operações: as concretas e as formais. As concretas, próprias da criança que frequenta os primeiros anos de escolaridade, necessitam, para se exercer, do apoio dos objetos. Muito presa ainda ao esquema perceptivo, a criança necessita de manipular objetos, contar pelos dedos, apoiar-se em imagens, desenhos, etc. As operações

formais ou abstratas, cuja instalação no sujeito se inicia no 4º ou 5º anos de escolaridade, exercem-se sobre enunciados verbais ou outros símbolos, como as expressões matemáticas. São estas operações que assinalam a entrada e o domínio do pensamento formal, também chamado abstrato, conceptual, verbal, lógico-matemático, etc. (6)

(24) Antônio Damásio parte do princípio de que a mente é aquilo que o cérebro faz, o que lhe permite considerar que é possível compreender os processos mentais através do estudo do cérebro. ~~Traz-se de um pressuposto monista e formalista/agnóstico.~~ (5)

(25) Antônio Damásio põe termo à visão dicotômica corpo-mente, defendendo que corpo e mente formam uma unidade integrada. A função principal da mente é pensar, mas o pensamento não é exclusivamente intelectual, apresentando também componentes emocionais. Se a emoção falha, embora continue apto a raciocinar abstratamente, o homem é incapaz de se relacionar socialmente bem com as pessoas e de tomar decisões acertadas no cotidiano. (6)

(26) Emoções e sentimentos contribuem para a nossa tomada de decisões em relação aos problemas colocados pela adaptação ao meio. As emoções, de índole corporal, permitem-nos reagir prontamente, quando as situações exigem uma resposta rápida, a executar antes que a razão tenha tempo e oportunidade de intervir. Os sentimentos são de índole racional e facultam respostas ponderadas, seleccionadas entre as que melhor possuem resolver os problemas. Permittindo fazer antecipações e previsões, as respostas dadas a nível de sentimentos são responsabilmente decididas atendendo às consequências dos atos a efetuar. (6)

(27) Os cognitivistas computacionais vêem a mente humana semelhante a um computador, em que o cérebro se equipara ao hardware, e os processos mentais, ao software. Mente e computador funcionam da mesma forma, dispostos ambos de entrada, processamento e saída de informação. A mente, como o computador, obedece a leis lógico-sintáticas, o que lhes permite efetuar

operações rigorosas de natureza semelhante à de cálculos matemáticos.

(28) Contra a perspectiva computacional, Bruner lança, sensivelmente, os seguintes argumentos: 1- A perspectiva computacional subverte a revolução cognitivista, ao envolver por um reducionismo igual ou ainda maior do que o behaviorismo, corrente contra a qual se originou o movimento revolucionário. 2- A perspectiva computacional não abrange todas as dimensões da mente humana, que não é apenas sintaxe, mas também e principalmente semântica, o que lhe permite atribuir significados às coisas. 3- A perspectiva computacional tem uma concepção da mente demasiado formal e mecânica, que não engloba os aspetos vivenciais do homem que vive e foi produzido pele linguagem e outros símbolos específicos de cada cultura.

(29) Para Bruner, a mente humana é essencialmente uma semântica. Com ela constrói significados para atribuir aquilo com que depara. Estes significados não são arbitrários porque a mente formou-se no decorrer de um período histórico, interagindo com a sociedade e a cultura. Neste desenrolar de interações, a mente foi interiorizando toda uma bagagem de símbolos linguísticos e significados que lhe era preexistente e constituía um patrimônio comum, partilhado pela comunidade. É com esta bagagem comum que a pessoa dá sentido às coisas e aos acontecimentos.

Contr!

(30) Atualmente tende a ver-se a psicologia como a ciência dos significados. Esta tendência explica-se porque a psicologia quer conhecer o homem e isto é um ser que cria símbolos com que atribui significado a si e ao mundo. Tudo o que se possa saber a respeito de si mesmo e do mundo, passa pelo homem que percebe, interpreta e transmite pela linguagem as suas impressões. A existência do mundo, das pessoas, das coisas, dos problemas e do homem passa pelo facto de alguém, o ser humano, dar conta de tudo isso. Compreender o que quer que seja é compreender o modo como alguém o viu e o interpretou, ou seja, o significado ou sentido que lhe atribuiu.

- As narrativas são histórias pessoais contadas pelo sujeito. Segundo Bruner, o psicólogo tem que

as aproveitar porque compreender uma pessoa não é conhecê-la por fora, mas saber o que se passa no interior do seu universo mental. Ora, só o próprio é que tem acesso a este universo, só o próprio é que tem uma verdadeira vivência da sua mente, dispondo da linguagem para transmitir o que está mais próximo de si do que de mais ninguém. Bruner valoriza as narrativas porque elas não só exprimem a pessoa que narra as, mas o universo social e cultural em que a pessoa se desenvolveu e construiu a sua história pessoal de vida. Ao narrar, a pessoa serve-se de símbolos, de uma linguagem, de significados partilhados com que interpretou as vivências que presidiram à formação da sua identidade.

Conto!

(16)

Trabalho realizado por:

- Adriana Catarino
- Ana Rilua
- Maria Silva - 12º A
- Sara Lopes

Ano letivo 2011/2012

24 de Maio de 2012

Disciplina: Psicologia B

Professor: Rui Kemp.